

Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado^{*,**}

Readings of Benveniste: some variations on a marked route

Claudine Normand

Université de Paris X – Nanterre



RESUMO: A autora, neste texto, avalia, a partir de uma leitura própria, os diferentes aspectos do percurso teórico do linguista Émile Benveniste.

Palavras-chave: Émile Benveniste; epistemologia da linguística; história da linguística.

ABSTRACT: In this text the author evaluates the different aspects in the theoretical course of the linguist Emile Benveniste from her own personal reading of his work.

Key words: Emile Benveniste; linguistic epistemology; history of Linguistics.

Èis um título de praticante de *trekking* que descarta tanto o passeio quanto a aventura para propor uma caminhada por etapas, em outras palavras, uma operação séria, que supõe leitura de mapas e identificação de balizas, o que não exclui nem o prazer da descoberta, nem a possibilidade de variantes.

Esse itinerário anunciado poderia ser a princípio o de Benveniste. Sabe-se que ele próprio afirma a unidade desse itinerário: unidade de método e de objetivos, situados em uma tradição, a de gramáticos que se alimentaram por filologia acima de tudo indo-européia, que eles se esmeram em transformar em linguística geral. Meillet falava com a satisfação de um velho mestre, da *École de Paris* – expressão de Robert Gauthiot – da qual ele destacava, para si e para seus alunos, a continuidade de Bréal e Saussure. Era o ano de 1928, quando uma compilação de trabalhos foi oferecida ao jovem Benveniste pelos seus amigos “por seu retorno do serviço militar”. Quarenta anos mais tarde, em uma entrevista de 1968, Benveniste, questionado sobre sua longa produção, a vê marcada por alguns temas pessoais recorrentes (“certo número de questionamentos que o acompanha durante toda sua existência”) [1968/II, 37].¹ Porém, ele não reivindica nem ruptura em relação a seus predecessores, nem originalidade particular dentre seus contemporâneos.

De fato, mais que Meillet, o modelo de Benveniste é Saussure, tanto o linguista indo-europeísta do *Mémoire* como o linguista filósofo do *Curso de Linguística Geral*. O itinerário de Benveniste pode ser lido como aquele de

uma fidelidade a Saussure, ao mesmo tempo que como uma ultrapassagem no sentido hegeliano do termo. Um objetivo maior de seus trabalhos, formulado diversas vezes, é perfeitamente resumido nesse enunciado de 1966:

Cabe a nós tentar ir além do ponto onde Saussure parou na análise da língua como sistema significante (II, 219).

Também se poderia tomar um outro ponto de vista e fixar-se no itinerário das leituras de Benveniste. Nesse caso, as variantes são tão importantes que, em certos momentos, nos perguntamos se é do mesmo percurso. Não falo apenas das interpretações, mas da escolha dos textos. Aqui, o que se manifesta é a diversidade da obra que suscita leituras parciais por vezes completamente distintas; de maneira esquemática, pode-se falar de três

* Tradução de Fabíola Oliveira, Gustavo de Azambuja Feix, Joice Monticelli Furtado e Paula Fernanda Malaszkiewicz; revisão de tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Leci Borges Barbisan; revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS).

** “Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé”, in *Emile Benveniste. Vingt ans après*, (p.23-37) Colloque de Cerisy 1995, sous la direction de Michel Arrivé et Claudine Normand, n. spécial de *LINX* 1997, Université de Paris X Nanterre, Centre de Recherches Linguistiques.

¹ A seguir, as referências são dadas ao longo do texto e nessa ordem: data de publicação, volume dos PLG, página do volume.

NO: Claudine Normand utiliza a edição francesa de *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, notados por ela como PLG e referidos no corpo do artigo no sistema data de publicação original, volume e página. Assim, por exemplo, 1968/II, 37, indica tratar-se de texto publicado originalmente em 1968, no segundo volume dos PLG, à página 37.

tipos de leitura, ao mesmo tempo em diacronia e em sincronia:

1^a A leitura comparatista, simultaneamente admirativa e crítica, privilegia os estudos indo-europeus de 1935, 1948 e 1969a e estabelece, evidentemente, os trabalhos anteriores (estudos iranianos, estudos sobre a língua osseta); acrescentam-se a isso inúmeros artigos e relatos produzidos por Benveniste ao longo de sua vida, e espalhados em diferentes revistas de filologia e linguística clássicas; alguns estão publicados nos *Problemas de Linguística Geral* (PLG). Trata-se nesse caso de uma leitura de filólogos e de linguistas das línguas clássicas.

2^a A leitura “estruturalista”: é sobretudo a leitura dos novos – e então jovens – linguistas dos anos 70 que, tendo de modo repentino de ensinar a linguística a estudantes, tinham grande necessidade de se informar. Privilegia-se então, no que é facilmente acessível, ou seja, nos dois volumes dos PLG (1966, 1974), os artigos em que Benveniste apresenta autores considerados “fundadores” (Saussure, Bloomfield, Harris...), noções “fundamentais” (signo, estrutura, níveis...) e sínteses sobre os desenvolvimentos recentes da linguística (cf. 1952c, 1954a, 1863a, 1968a,b...). Trata-se de textos gerais, ligados à difusão maciça e tardia do estruturalismo linguístico na França, de alguma forma artigos de vulgarização ou pelo menos que visam uma informação inicial. Incluo entre eles, no entanto, dois textos de análise mais aprofundada: “A natureza do signo linguístico” (1939) e “Os níveis da análise linguística” (1964).

3^a Por fim, a leitura do que foi chamado de “teoria da enunciação”; seguindo um reagrupamento adotado por Benveniste no primeiro volume de PLG, e por seus editores no segundo, ela se encontra associada aos temas “A Comunicação” e “O Homem na língua”. Essa leitura, de fato, inicia-se só a partir de 1970, mas se torna, então, e permanentemente, dominante, para muitos quase exclusiva.²

Essa dissociação da obra que se revela geralmente entre os diferentes tipos de leitores por uma ignorância ou uma desconfiança recíproca, sem dúvida diz pouco respeito a um público de especialistas. Porém, tal dissociação é sensível quando se considera a maioria dos leitores. Nenhum linguista francês hoje ignora Benveniste, mas qual Benveniste é escolhido? Aqui não desenvolverei mais essa questão, que seria importante esclarecer em uma história da recepção da obra de Benveniste na França (e de sua pequena recepção no exterior).

De fato, o que escolhi resumir aqui é meu próprio itinerário nesses textos; ele reflete o percurso de um lin-

guista comum de minha geração e tem somente como particularidade ter sido longamente feito até este colóquio: percurso de uma linguista do fim dos anos 60, que recebeu uma formação (superficial) em gramática comparada das línguas clássicas, formada de maneira quase autodidata em linguística estrutural nos anos 60, descobrindo, como muitos, a novidade da análise do discurso e dos temas da enunciação nos anos 70. Em cada etapa, encontrei um Benveniste particular, até que me parecesse desejável conhecê-lo, mais precisamente buscar a unidade – se há uma – desse homem aparentemente dividido. Esse foi, então, o princípio de uma caminhada bastante longa, do início dos anos 80 até hoje. Para justificar esse ponto de vista que se poderia pensar indevidamente pessoal, invocarei duas razões: em seu caminho hesitante, essa lembrança pode valer como testemunho, de certa maneira histórico, e como tal, pelas interpretações que ele propõe, ele deveria abrir uma discussão ampla e diversa.

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a me interessar por Benveniste: primeiramente, enquanto discípulo de Saussure, ele intervinha na abordagem global que era então aquela de nosso grupo de pesquisa (GRHIL):³ a recepção e as interpretações de Saussure e do estruturalismo na França; por outro lado, nós ficamos surpresos com o retorno com força, na linguística francesa daqueles anos, do sujeito, da *peessoa*, daquilo que se formulava “a subjetividade na linguagem” em todos os trabalhos que afirmavam se fundamentar em Benveniste, sua teoria do discurso e da enunciação. Essa posição em muitos pontos de vista parecia contraditória à fidelidade proclamada de Benveniste a Saussure; ela era, aliás, apresentada como a grande novidade que permitiria sair enfim do “claustro” estruturalista, daquilo que C. Kerbrat em breve chamaria de “o sufocante conforto do imanentismo”.⁴ Assim Benveniste, que se afirmava constantemente saussuriano, tornava-se aquele que permitiria enfim livrar-se do saussurianismo; ele devia nos desvencilhar do que nos havia parecido o próprio fundamento da linguística formal, a oposição língua/fala, a definição de uma ordem linguística autônoma, a evacuação da subjetividade. A perplexidade do grupo se traduziu em um número de *Langages* (nº 77, 1985) intitulado “*Le sujet entre Langue e Parole(s)*” [*O sujeito entre Língua e Fala(s)*]; um breve prefácio, que seguiu o título de “*Le sujet est de retour*” [*O sujeito voltou*] constatava, com certa distância, essa conjuntura e a necessidade de uma reflexão.

² Cf. Normand, 1985.

³ O GRHIL – *Groupe de Recherche en Histoire de la Linguistique* [Grupo de Pesquisa em História da Linguística], incorporado desde 1984 à URA CNRS 381, é uma associação de pesquisadores constituída em 1976 em vista do número 49 de *Langages* “*Saussure et la linguistique pré-saussurienne*” que foi, desde então, ponto de partida para numerosas publicações.

⁴ 1986, p. 149.

Nesse conjunto, dois artigos foram dedicados à recepção-interpretação de Benveniste. No primeiro (“O sujeito na linguagem”), apresentei os resultados de uma investigação sistemática tratando das menções, nos artigos de linguística geral dos anos 60, de termos designando a enunciação e suas particularidades, com alusão ou não a Benveniste. Com efeito, a partir de minhas lembranças de professor nessa época, os periódicos de linguística não davam atenção especial para esses textos, ao que parecia, se tornaram *a posteriori* emblemáticos de Benveniste. Tratava-se de uma insuficiência de leitura de minha parte ou, de maneira mais geral, de uma forma de resistência à novidade da parte dos linguistas? Essa era minha questão, imediatamente complicada pela seguinte observação: três desses textos novamente considerados datavam respectivamente de 1946, 1956 e 1958.⁵ Esse interesse pelas marcas da pessoa e a enunciação, que parecia a grande novidade dos anos 70, Benveniste, ao que parece, manifestava bem antes. Por que nós não tínhamos notado nada?

Retomei, então, os números de *Langages* que era, junto com *Langue Française*, o periódico francês mais lido pelos linguistas professores desse período, e também a maioria dos textos gerais de “introdução”, “iniciação”, “apresentação” da linguística geral, publicados em massa na segunda metade dos anos 60. Resultado surpreendente: ninguém, ao que parece, falava desse aspecto do pensamento de Benveniste antes de 1970. Essa afirmação é seguramente muito categórica e exigiria uma investigação complementar em todos os periódicos de linguística francesa dos anos 60.⁶ Permanece razoável, creio eu, afirmar que essas noções, embora já largamente desenvolvidas por Benveniste, não tinham sido propostas nos anos 60, e que, quando era feita alguma alusão a isso, era em referência a Jakobson⁷ que, no entanto, em seu artigo de 1957 sobre os *shifters*, remete explicitamente a Benveniste. Certamente falava-se de Benveniste antes de 1970, a propósito da linguística sincrônica, mas somente daquele que apresentava as noções saussurianas e os métodos do estruturalismo. É somente a partir de 1970 e do número 17 de *Langages*, “*L’énonciation*” [A enunciação], no qual Benveniste produz seu último artigo célebre, “O aparelho formal da enunciação”, que os usos dos termos pelos quais ele descreve o fenômeno da enunciação se multiplicam, misturados àqueles de Jakobson, e que começa a se elaborar um tipo de vulgata, designada pela expressão “teoria da enunciação”.

⁵ Cf. Biblio. 1956b e 1958b.

⁶ Encontrei, particularmente, em seguida, uma menção aos artigos de 1946, 1956 e 1958 em Peytard citando Genet (*Communications* 12, 1968) no número de *La nouvelle critique* dedicado a “Linguística e Literatura”, 1968.

⁷ Assim como em Dubois e Stumpf, no mesmo número do *Communications*.

Embora os linguistas só levem em conta essas noções tardiamente, em um primeiro momento, tentando introduzi-las no âmbito muito distinto da análise do discurso proposta por Harris, Benveniste nesse ponto interessou muito antes de 1970 os filósofos e os psicanalistas sobre esse aspecto. A segunda parte de minha investigação me colocou nesse caminho: eu comparava nela duas séries de notas de aula, tomadas na Universidade de Nanterre em 1966-67, respectivamente do linguista Dubois e do filósofo Ricoeur. Enquanto o linguista evoca somente o Benveniste estruturalista e nem mesmo o menciona quando ele apresenta o funcionamento dos pronomes de pessoa, o filósofo expõe o essencial do que foi proposto nessa data sobre a dêixis e a enunciação; ele vê em Benveniste a promessa e já o começo de uma linguística completamente diferente, companhia natural da fenomenologia.

É essa dupla determinação linguística e fenomenológica dos indicadores que torna possível a passagem da língua à fala. Apropriando-me dos signos vazios da linguagem, eu os aplico a mim mesmo e a situações do mundo (Conclusão das notas tomadas nas aulas de Ricoeur).

Tirei dessas notas a conclusão – reencontrando o ponto de vista então dominante no nosso grupo – de que a comunidade linguística tinha tido necessidade de ser solicitada por seu “exterior”, em particular a filosofia, para aceitar as novidades que ela própria trazia.

Esses resultados levantavam evidentemente muitas questões que me levaram a ler Benveniste de maneira mais ampla e mais precisa. O que me parecia importante esclarecer (em nossa perspectiva histórica) era a elaboração dessas noções no próprio Benveniste, de ver a partir de qual momento podia-se observar a presença dessas em suas pesquisas. Pus-me então a trabalhar no conjunto dos PLG com a hipótese mais ou menos clara de que, a despeito da apresentação temática em rubricas distintas, devia haver nesse conjunto uma unidade de teoria e de método. Retomando esses textos na ordem cronológica de suas publicações em mais de 30 anos (de 1939 a 1972), pensava, com alguma ingenuidade, poder apreender o estabelecimento do tema da enunciação no estudo da dêixis. O problema, na minha visão, era triplo:

- 1º A análise da enunciação se apresenta como uma inovação no próprio Benveniste?
- 2º Caso afirmativo, como ela se estabelece, como se introduzem os termos novos?
- 3º Como essa novidade foi recebida e desenvolvida pelos linguistas e pelos outros pesquisadores em ciências humanas?

Levar em conta o conjunto dos PLG me parecia então fazer justiça à unidade da obra, o que mostra nossas ignorâncias ou nossas idéias preconcebidas (incluo nesse *nós* aqueles linguistas generalistas que

quiserem se reconhecer nisso). Sabia evidentemente, por minhas lembranças de estudante, que Benveniste tinha escrito muito mais do que o que estava contido nos *Problemas*; naquele momento, simplesmente não pensei em integrar esse trabalho de gramático e de filólogo a uma pesquisa que se queria, todavia, global. As observações e conclusões desse estudo restrito (apresentado por ocasião de um colóquio sobre a História da Enunciação, em 1985) podem se resumir assim: em minha investigação sobre o aparecimento repentino ou progressivo da terminologia da enunciação, não tinha conseguido descobrir em nenhum texto mudança decisiva; minha hipótese descontinuista não funcionava. Mas, o que eu não esperava e que então me impressionou nessa leitura contínua, era a alternância de dois tipos de textos distintos, que dependem de dois processos e duas retóricas: por um lado, análises de fenômenos linguísticos particulares, morfossintáticos ou lexicais, aos quais era aplicado cada vez o mesmo método: uma descrição minuciosa de uma estrutura particular, em uma ou várias línguas, concluindo-se por uma generalização com objetivo de explicação; como a descrição das *relações de pessoa* (1946), da *frase nominal* (1950b), da *voz média* em relação à *voz ativa* (1950a), da *frase relativa* (1957) etc. Por outro, textos completamente teóricos se apresentando, conforme o caso, como análise ou programas, de tom geralmente dogmático: eles enunciam uma série de afirmações de âmbito geral, em uma argumentação que se quer estrita; tratam da linguística geral da qual fazem balanço ou traçam as tendências “atuais”, depois, cada vez mais, da semiologia, como existe e como deve ser. Reagrupou nesse conjunto os textos sobre Saussure e o estruturalismo (1954, 1963a, 1968b), “*Langue et société* [Língua e sociedade]” (1965), “A linguagem e a experiência humana” (1965b), “A forma e o sentido na linguagem” (1966a) e “Semiologia da língua” (1969b); pode-se incluir o artigo de 1939 sobre “A natureza do signo linguístico” e aquele de 1964, “Os níveis da análise linguística”. Em todos esses textos são feitas proposições conceituais sobre a linguagem e a língua, distinções tornadas célebres como *língua/discurso*, *semiótica/semântica* e a *dupla significância* que estão associadas, de uma maneira cada vez mais clara, à apresentação programática da *Semiologia*, ciência geral dos signos. É nesse tipo de texto que Benveniste afirma retomar as questões a partir do ponto em que Saussure as deixou, para ir, não em outra direção, mas mais longe:

Retomando esse grande problema de onde Saussure o deixou, desejaríamos insistir, em primeiro lugar, sobre a necessidade de um esforço prévio de classificação caso se deseje promover a análise e consolidar as bases da semiologia (1969/II, 50).

“Promover a análise” é o que ele fazia, enquanto especialista, nas análises concretas onde aplicava

estritamente os princípios saussurianos; “consolidar as bases da semiologia” enquanto ciência geral, chamada por ele algumas vezes de “universal”, é o que procurava formular nesses programas cada vez mais vastos nos quais se desenhava uma ciência geral da cultura.

Perturbada com a dualidade desses textos, eu os opus como duas “postulações” de Benveniste: de um lado, um linguista se debatendo com a descrição sempre retomada, inacabável das estruturas formais, das configurações concretas de tal(is) língua(s) particular(es); de outro, um teórico da linguagem, que deseja sintetizar em uma totalidade com inspiração completamente filosófica os traços constitutivos da natureza da linguagem, da comunicação, do discurso, da língua, de tudo isso ao mesmo tempo, a que hoje chamamos comumente de *linguageiro*. Resumi essa dualidade com uma formulação metafórica opondo textos de “abertura” e textos de “fechamento”: abertura das análises concretas, que suscitam outras análises futuras, porque a descrição é inacabável; de fato, é isso que diz o artigo de 1970, “*O aparelho formal da enunciação*”, que hesito em classificar entre os textos-análises por causa de sua conclusão: *grandes perspectivas se abrem para nós, a partir do quadro formal aqui esboçado* (II, 88); fechamento das análises e dos programas, concluindo a teoria com uma totalização de forma filosófica: como o texto de 1969, que promete uma semiologia “de segunda geração”, que deve concorrer para o desenvolvimento da “semiologia geral” (1969b/II, 66). A unidade de Benveniste me parecia uma unidade dividida, de um filósofo (de inspiração hegeliana), contrariado pelo linguista que não pode dar conta da riqueza e da complexidade de seu objeto. Ainda que os traços dessa oposição sejam um pouco forçados, continuo achando-os esclarecedores e a proponho como tal para a discussão.

Quanto ao meu questionamento inicial (como a teoria da enunciação foi estabelecida por Benveniste? Através de quais etapas?) ela passava a ser: os elementos teóricos da dêixis, esse papel da *subjetividade* na linguagem, não estão presentes desde o início de seus trabalhos, operadores de todo seu processo de linguista? Sua sistematização não seria incumbência de não-linguistas (filósofos, psicanalistas, teóricos da literatura...), o que explicaria que o próprio Benveniste só tenha se preocupado tardiamente em propor para ela uma teoria de conjunto?

Para apoiar essa sugestão podemos destacar que a expressão “sujeito de enunciação” nunca foi empregada pelo próprio Benveniste; foram os comentaristas filósofos e psicanalistas, parece, que fabricaram e disseminaram muito cedo esse termo (em particular J. Kristeva e J. Lacan). Esse detalhe não é somente ilustrativo; na verdade, a palavra *sujeito* designa, nesses textos, conforme o caso ou indistintamente, o sujeito gramatical, o sujeito psicológico ou ainda o ego filosófico, revisto pela fenomenologia

e retomado seguidamente sob a figura da *pessoa*, mas nunca uma entidade que poderia fazer pensar no sujeito “clivado” da psicanálise. De modo que, quando Benveniste descreve os traços linguísticos da pessoa e da intersubjetividade, ele enriquece a descrição linguística, mas não acrescenta nada, me parece, imediatamente integrável a uma teoria do sujeito de inspiração psicanalítica, tal como ela procurava se constituir naqueles anos.

O que eu observava, no entanto (e que desenvolvi sobretudo posteriormente), é que se entrelaçavam, no interior dessas descrições linguísticas, as noções de *sujeito* (com toda a imprecisão mencionada) e de *significação*. Essa ligação é encontrada em todos os textos; ela não é exclusiva daqueles que analisam explicitamente os termos da dêixis. É através dela que é resumida e semanticamente fundada a configuração formal que é objeto desta ou daquela descrição, segundo um princípio constantemente afirmado:

... ainda é preciso começar vendo além da forma material e não sustentar toda a linguística na descrição das formas linguísticas (1952b/I, 118).

Em geral, esse fundamento é formulado metaforicamente na oposição de um interior, domínio do sujeito, e de um exterior, o mundo objetivo. A diversidade das formas linguísticas exprime (ou seja, ao mesmo tempo constitui e formula) a diversidade das relações entre o sujeito e o mundo. Os exemplos são bastante numerosos, citarei apenas dois deles: opondo o *ativo* e o *meio*. Benveniste afirma:

(A diátese) denota uma certa atitude do sujeito relativa ao processo através do qual esse processo se encontra determinado e seu princípio; ...no ativo os verbos denotam um processo que ocorreu a partir do sujeito e fora dele; no meio... o verbo indica um processo cujo sujeito é a base; o sujeito é interior ao processo. (1950a/I, 170-172)

E sobre a estrutura do verbo auxiliar:

Consegue-se, assim, definir a situação respectiva de ser e ter de acordo com a natureza da relação instituída entre os termos nominais da construção: ser apresenta uma relação intrínseca; ter, uma relação extrínseca (1965/II, 187).

Resulta disso que os textos “canônicos” que dizem respeito à enunciação não parecem ter *status* particular na obra de Benveniste. Como os outros textos, eles fazem os parâmetros do sujeito da significação interferir na descrição dos fenômenos linguísticos e se pode notar neles a mesma clivagem entre análises concretas e textos teóricos; os textos de 1946, 56, 59 sobre a pessoa e o tempo e os de 1958, 66, 69 sobre a subjetividade, a semiologia, a forma e o sentido apresentam esse tipo de diferença que é encontrada igualmente entre os dois textos de 1965, “*O antônimo e o pronome em francês*

moderno”, “*A linguagem e a experiência humana*”. A particularidade dos textos ditos de enunciação não é, então, levar em conta a subjetividade, mas estudá-la em seus indícios mais diretamente visíveis e, a partir daí, fazer disso um estudo linguístico sistemático que serve de fundamento privilegiado à teoria do que Benveniste chama ora de semântica, ora de semiologia.⁸

Tenho plena consciência de que tais afirmações, que posso apenas expor aqui sem argumentar detalhadamente seus textos, pedem discussão e eventual retificação. Foi enquanto tais que as considerei próprias a uma exposição introdutória.⁹ Eu a terminarei indicando simplesmente as duas direções que tomei em seguida e formulando algumas das questões com que me deparei.

Uma direção foi tentar especificar o que Benveniste entende por semiologia nos textos em que ele apresenta o programa ou um resumo dela. Encontra-se neles a ambiguidade da oposição exterior/interior através da qual Saussure definia, por um lado, a relação da linguística com outras ciências e, por outro, com a semiologia. Sabe-se que para Saussure a linguística se coloca no círculo das diferentes ciências do signo (a imagem do círculo, ausente do CLG, é recorrente nos manuscritos), círculo que remete as outras ciências a um exterior. Ao mesmo tempo, no próprio interior do círculo semiológico, uma outra divisão distingue radicalmente uma linguística interna e uma linguística externa. Dessa maneira, é afirmado o princípio do que se chama em seguida de imanentismo. Benveniste, partidário dessa posição imanente expõe, desde 1954, a necessidade de sua ampliação dizendo que o CLG “projeta a língua sobre o plano de uma semiologia universal”, em três artigos de 1963 ele retoma esse projeto que chama ora de “verdadeira ciência da cultura”, ora de “semiologia geral”. O movimento se amplia até a “semiologia da segunda geração”, do texto de 1969, que deve nos permitir “ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único” e contribuir para o “desenvolvimento dos outros ramos da semiologia geral” (II, 66).

Nesse movimento de integração das ciências sob a égide da linguística, o *exterior* parece progressivamente absorvido por um *interior* tornado hipertrópico. O mundo inteiro se torna tecido de signos, texto portador de sentido.¹⁰ Pode-se compreender e até compartilhar essa fantasia, embora levantando algumas questões quanto à coerência dos textos. Por exemplo: que relações precisas conservam, por um lado, os termos *semiologia* e *semiótica*, e, por outro lado, *semiologia* e *semântica*? No texto de 1969, efetivamente, é a partir do que Benveniste chama, desde então, de semântica ou linguística do discurso,

⁸ Cf. Normand 1986.

⁹ NO: importa lembrar que este texto é a apresentação do volume que reúne as atas do Colóquio *Emile Benveniste: vingt ans après*, publicadas em 1997 em um número especial.

¹⁰ Cf. Normand, 1989.

que se manifesta essa semiologia universal. Uma outra questão relativa a esse assunto poderia tratar da relação desse programa com o da semiótica positivista americana, Pierce sem dúvida, mas sobretudo Morris e Carnap; insisto que essa semiótica se apresenta explicitamente em Morris como a realização de uma lógica renovada que integra a pragmática, “novo *órganon*”, de certo modo uma ciência das ciências. Mas se pode também questionar esse programa quanto à sua relação com a fenomenologia, filosofia do sentido e do sujeito.¹¹ Poderia ser dito que as duas referências parecem se excluir, mas Benveniste, mencionando superficialmente Peirce e Morris, e nunca, que eu saiba, seu colega do *Collège de France*, Merleau-Ponty, não nos esclarece suas preferências filosóficas.

Em uma direção bastante diferente eu me fixei na relação de Benveniste com Saussure em seu método descritivo, levando em conta, dessa vez, além dos textos do PLG, uma parte dos textos ligados, sobretudo à “leitura comparatista”, em particular os estudos indo-europeus de 1935 e 1948.¹² Benveniste me pareceu então o mais saussuriano dos linguistas, na medida em que, nunca separando significante e significado, ele afirma constantemente a necessidade de, no estudo das estruturas, ligar novamente a análise da configuração formal a uma função semântica, o que ele faz em cada caso, embora devolva a essa função semântica o papel de um sujeito, e isso desde *Noms d’agent, noms d’action* [nomes de agente, nomes de ação]:

A existência de dois tipos de nomes de agente [...] pode ser efetuada [...] cada vez que se quer opor na designação do sujeito que age modos de ação sentidos como distintos (66).

Essa interpretação através das particularidades do sujeito parece bastante distante de Saussure; seria possível igualmente questionar-se sobre sua concepção da arbitrariedade do signo. Parece que nesse ponto Benveniste é fiel, sem dúvida, ao comparatismo (em que a arbitrariedade do signo é um postulado), mas ele não adota, de fato, todas as implicações desse princípio de Saussure. Ora, a interpretação feita da arbitrariedade determina uma posição em semântica e é, com efeito, a semântica que Benveniste visa.¹³ Reservo esse ponto para discussão e concluirei de maneira abrupta caracterizando a unidade de Benveniste como aquela de uma obsessão: que se trata de superar as oposições redutoras que estão no início do campo linguístico e semiológico moderno ou de encontrar uma explicação para anomalias formais, o que ele manifesta é sempre a preocupação em encontrar uma unidade. Nas descrições linguísticas esse método produz novos esclarecimentos que são, às vezes, ofuscantes, mas

deixam na sombra, ao que parece, certas dificuldades. Quanto aos textos teóricos, eles não deixam de lembrar o ambicioso projeto epistemológico do fim do século XIX, ao qual está ligado o nome de Dilthey: fundar, frente ao positivismo, uma epistemologia própria das ciências humanas; o processo filosófico pretende legitimar que a especialização proporcione a seriedade científica. Compreende-se que Ricœur tinha sido seduzido por isso. Quanto a nós, como dizia Barthes, “nós lemos outros linguistas (é preciso, de fato), mas nós amamos Benveniste”.¹⁴

Bibliografia de Émile Benveniste

BENVENISTE, E. (1935). *Origine de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1935.

BENVENISTE, E. (1948). *Noms d’agent et noms d’action en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1948.

BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1969). *Le vocabulaire des institutions Indo-européennes*. Paris: Minuit, 1969.

BENVENISTE, E. (1974). *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, E. (1954a) Tendances récentes en linguistique générale. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1963a). Coup d’œil sur le développement de la linguistique. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1963b). Saussure après un demi-siècle. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1939). Nature du signe linguistique. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1952a). Communication animale et langage humain. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1958a). Catégories de pensée et catégories de langue. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1956a). Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1962a). “Structure” en linguistique. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1952b). La classification des langues. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1964). Les niveaux de l’analyse linguistique. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, E. (1949a) Le système sublogique des prépositions en latin. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.

¹¹ Cf. J. C. Coquet, 1992.

¹² Cf. Normand, 1992.

¹³ Cf. Normand, 1996.

¹⁴ R. Barthes, 1974.

- BENVENISTE, E. (1962b). Pour l'analyse des fonctions casuelles: le génitif latin. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1950b). La phrase nominale. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1950a). Actif et moyen dans le verbe. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1952c). La construction passive du parfait transitif. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1960). "Être" et "avoir" dans leurs fonctions linguistiques. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1957). La phrase relative, problème de syntaxe générale. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1946). Structure des relations de personne dans le verbe. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1959). Les relations de temps dans le verbe français. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1956b). La nature des pronoms. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1958b). De la subjectivité dans le langage. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1963d). La philosophie analytique et le langage. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1958c). Les verbes délocutifs. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1954b). Problèmes sémantiques de la reconstruction. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1949b). Euphémismes anciens et modernes. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1951a). Don et échange dans le vocabulaire indo-européen. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1951b). La notion de "rythme" dans son expression linguistique. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1954c). Civilisation: contribution à l'histoire du mot. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1966e). *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E. (1969a). *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Paris: Minuit, 1969.
- BENVENISTE, E. (1968a). Structuralisme et linguistique. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1968b). Ce langage qui fait l'histoire. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1969b). Sémiologie de la langue. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1965b). Le langage et l'expérience humaine. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1970a). L'appareil formel de l'énonciation. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1968c). Structure de la langue et structure de la société. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1966b). Convergences typologiques. *L'Homme*, 6, 1966, Cahier 2; 1974, ch. VII.
- BENVENISTE, E. (1969c). Mécanismes de transposition. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. Les transformations des catégories linguistiques. In: _____. (1966d). *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1972). Pour une sémantique de la préposition allemande vor. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1967). Fondements syntaxiques de la composition nominale. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1966c). Formes nouvelles de la composition nominale. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1965a). Structure des relations d'auxiliarité. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1965c). L'antonyme et le pronom en français moderne. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1966a). La forme et le sens dans le langage. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1963c). Diffusion d'un terme de culture: latin orarium. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1969 e). Genèse du terme "scientifique". In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1969f). La blasphémie et l'euphémie. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1969d). Comment s'est formée une différenciation lexicale en français. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, E. (1970b). Deux modèles linguistiques de la cité. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard, 1974.

Referências

- BARTHES, Roland. *Le bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1974.
- COQUET, Jen-Claude. Notes sur Benveniste et la phénoménologie. *Linx*, n. 26, p. 41-48, (1992).
- JAKOBSON, Roman. Shifters, verbal categories, the russian verb. In: *Russian language project*. Harvard University; tr. Dans *Essais de linguistique générale*. Ch. IX. Paris: Minuit, 1963 (1957).
- KERBRAT-ORRECHIONI, Catherine. *L'implicite*. Paris: Colin, 1986.
- MEILLET, Antoine. *Etrennes linguistiques offertes par quelques amis à Émile Benveniste*. Paris: Champin, 1928.
- NORMAND, Claudine. Emile Benveniste: quelle sémantique? In: *Linx. Du dire et du discours. Hommage à Denise Maldidier*. 1996. p. 221-238.
- _____. Benveniste: linguistique saussurienne et signification. *Linx*, v. 26, p. 49-75.
- _____. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. In: *Histoire, Épistémologie, Langage*, v. XI, n. 2, p. 141-169, 1987.
- _____. Les termes de l'énonciation chez Benveniste. In: *Histoire, Épistémologie, Langage*, v. VIII, n. 2, p. 191-206, 1986.
- _____. Le sujet dans la langue. In: *Langages 77*. Paris: Larousse, 1985a.
- _____. Linguistique et philosophie: un instantané dans l'histoire de leurs relations. In: *Langages 77*. Paris: Larousse, 1985b. p. 33-42.

Université de Paris X – Nanterre
200, avenue de la République
92001 – Nanterre – França

Recebido: 14-03-08
Aprovado: 04-12-08